

SKINNER, O SENTIMENTO E O SENTIDO

Luciano de Sousa Cunha¹

Elizeu Batista Borloti²

Os homens inventaram as palavras para que pudessem esconder seus pensamentos (Aristóteles).

Nenhum relato do que está acontecendo dentro do corpo humano, por mais completo que seja, irá explicar as origens do comportamento humano. O que acontece dentro do corpo não é um ponto de partida (Skinner, 1989).

Freqüentemente (e devemos dizer, erroneamente) se imagina que a psicologia comportamental omite a existência de sentimentos ou, pelo menos, acredita-se que os behavioristas não os possuem. Esta crença é tão forte que às vezes perguntavam a Skinner se ele pensava a seu respeito da mesma forma que pensava a respeito dos organismos que estudava. A resposta esperada era uma informação sobre ele próprio; se ele observava seus próprios sentimentos. Obviamente, sua resposta era um “sim”: “até onde eu sei, meu comportamento em qualquer momento tem sido nada mais do que o produto da minha herança genética, da minha história pessoal e do contexto atual (Skinner, 1983, p.400)”.

Ao olhar para essa história genética e ambiental, Skinner (1983) não questionou a existência do que sentia (o que acontecia no nível privado da sua experiência), mas questionou o que era sentido por ele e qual era a função desse sentir. Com isto ele apontou a diferença básica entre o seu behaviorismo e o de Watson e dos positivistas lógicos, definiu a função do sentimento em seu sistema explicativo do comportamento humano e não se limitou aos fenômenos que são publicamente observáveis, pois acreditava que o “como as pessoas se sentem é, geralmente, tão importante quanto o que elas fazem”. (Skinner, 1989, p.3).

¹ Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação do Prof. Dr. Elizeu Borloti.

E-mail para correspondência: luciano.cunha@oi.com.br

² **Professor Doutor**

Das muitas afirmações sobre o behaviorismo, a de que ele não dá valor ao sentimento é, talvez, a mais freqüente. Esta afirmação provavelmente se deve ao fato de que há uma tendência a acreditarmos que nos comportamos de uma dada maneira por causa de nossos sentimentos. A lógica parece ser coerente: se Skinner dá valor ao comportamento, ele não valoriza o sentimento; se não valoriza o sentimento, ignora a causa do comportamento. A linguagem do senso comum sustenta esta aparente lógica: falamos “brigamos *porque* estamos com raiva”, “não vamos para o rock *porque* estamos deprê”, “casamos *porque* amamos”, “transamos *porque* sentimos tesão” e assim por diante. Está explícito que, em geral, o que estamos sentindo é o determinante do nosso comportamento. Mas este logicismo é enganoso.

Skinner (1989) coloca que se estas relações causais fossem verdadeiras nosso deficiente conhecimento dos sentimentos seria desastroso, já que o sentimento seria o fim da investigação. A Ciência do Comportamento não seria possível. Entretanto, ela está aí, mais viva do que nunca. E tornou-se possível porque Skinner soube diferenciar o que é sentido (a experiência corporal) do sentimento (a consciência e o relato da experiência corporal) e explicou ambos apontando para outra direção. Esta distinção difere a explicação behaviorista da mentalista sobre os sentimentos, pois esta última pseudo-explicação ignora os fatores ambientais úteis ao inverter a equação comportamental. De fato, a retórica mentalista acaba sendo uma contradição: como posso sentir uma situação se ainda não experimentei essa situação? Uma resposta a esta indagação se torna impossível à medida que sabemos que o sentir está sujeito às mesmas leis às quais os comportamentos públicos são expostos. Para Skinner (1971) seria tolice negar a existência de um mundo privado, mas também é tolice afirmar que, por ser privado, ele tem natureza diferente da do mundo exterior.

Falemos primeiro do que é sentido.

Aquilo que é sentido é uma *condição corporal* e “não é uma causa inicial ou iniciadora” (Skinner, 1989, p. 15) do comportamento. A condição corporal pode ser vista como uma emoção, que é um evento privado, sub-produto da relação ambiente-organismo, ou seja, do comportamento. O termo *sub-produto* indica que o que é sentido (ou a emoção) acontece ao mesmo tempo, ou um pouco antes, do comportamento operante. É por isso que

sentimos tesão enquanto (ou antes de) transamos, que sentimos raiva enquanto brigamos. Precisamos indagar numa outra direção: por que sentimos tesão e transamos?

No caso da tristeza, por exemplo, esta investigação poderia chegar à seguinte conclusão: “Não choramos porque estamos tristes, ou sentimos tristeza porque choramos; choramos e sentimos tristeza porque alguma coisa aconteceu (talvez alguém a quem amávamos tenha morrido)” (Skinner, 1989, p. 15). Portanto, choro (comportamento) é o produto de um evento que aconteceu, e esse evento também exerce função sobre a tristeza (sentimento) como um sub-produto. O que é sentido é concomitante, paralelo ou contíguo ao comportamento e é por esta razão que costumamos confundir o que sentimos com causa. No entanto, “os eventos que são responsáveis pelo que fazemos e, portanto, pelo que sentimos, permanecem num passado realmente distante” (Skinner, 1989, p. 15).

E o que é o *sentimento*? Sentimento é a condição corporal experimentada sob controle das contingências do contexto e descrita sob controle das contingências verbais mantidas por uma comunidade. Uma condição corporal é experimentada corporalmente (sentida) e, em seguida, se aprende a nomeá-la como um sentimento. A dor é um exemplo de fácil compreensão desta distinção, pois os papéis dos ambientes passado e presente sobre ambos (o que é sentido e o sentimento) são mais óbvios. Sabemos o que é ou foi doloroso em nossa história (pessoal e da espécie) e sabemos o quanto foi importante para a nossa vida aprendermos dos (e dizermos aos) outros que estamos sentindo dor.

Em casos não tão óbvios a direção da análise permanece a mesma. Ao invés de procurar atribuir causas de comportamentos a sentimentos, a melhor estratégia é observar o nosso comportamento e os estados do nosso corpo e as condições ambientais comuns dos quais ambos são função. Só assim encontraremos algumas das razões para fazermos o que fazemos e, portanto, para sentirmos o que sentimos: as condições corporais que chamamos de sentimentos e estados mentais. Como no exemplo da dor acima, essas razões devem ser explicadas levando-se em conta os três níveis de variação e seleção: a filogênese, a ontogênese e a cultura.

Avançando nossa análise, veremos que, num enfoque behaviorista radical, a distinção entre o que é sentido introspectivamente e o que é relatado como sentimento, permite definir o que é relatado como um tacto do evento privado caracterizado pela condição corporal experienciada. A condição corporal é um evento físico, um estímulo não

verbal, um acontecimento discriminado e, portanto, está sob controle da relação que define o operante verbal tacto (Skinner, 1957).

Um tacto pode ser definido como um operante verbal, no qual uma resposta é de certa forma, evocada (ou pelo menos reforçada) por um objeto particular ou um acontecimento ou propriedade do objeto ou acontecimento. (Skinner, 1957, p.108).

O tacto é o operante que “faz contato” com o que sentimos introspectivamente. É pela relação do tacto que fornecemos informações sobre o ambiente passado responsável pela condição sentida e pelo nome dado à ela, assim como sobre algumas predisposições para nos comportarmos: “Me sinto culpado”, “Exagerei” e “Acho que devo pedir desculpas”. A relação entre estes três elementos informa que é importante o analista do comportamento saber o que a pessoa está sentindo, em que momentos ela sente, o que aconteceu e o que pretende ou poderia fazer. A palavra usada poderia ser “culpa”, “mágoa” ou “vergonha”. Esta variação verbal é, portanto, útil ao analista.

Skinner (1974) conta que todas as palavras usadas para designar sentimentos começaram como metáforas, e é significativo que o seu uso para nomear um acontecimento privado tenha partido de um acontecimento público. Portanto, nenhuma palavra parece ter sido originalmente designada para denominar um sentimento, e isto explica a variabilidade nos relatos de pessoas expostas às mesmas contingências. No exemplo de Skinner (1989), o acontecimento privado “angústia” tem o mesmo nome do acontecimento público que antigamente era chamado de “sufocamento”.

Voltemos à dor.

Não podemos apresentar ou apontar uma dor, mas sim, inferir a presença dela através de algum evento público (como ver uma criança sofrendo uma queda, por exemplo) ou falar da dor a partir da propriedade de objetos públicos (por exemplo, de formas pontiagudas ou de movimentos latejantes). Isto acontece com outros exemplos, como visto no caso da angústia, e isto ocorre devido à dificuldade em se aprender a nomear sentimentos (“São tantas emoções...”). O ambiente social cobra que devemos conhecer bem nossos corpos e o que sentimos introspectivamente, ao mesmo tempo em que é o responsável por nos ensinar a fazê-lo. Mas o acesso ao que acontece dentro do nosso corpo

e, principalmente, o sentir o que acontece, está dificultado. A condição corporal, o acontecimento discriminativo para o sentimento, pode até ser acessada (quando, por exemplo, um cirurgião toca em uma úlcera). Mas o sentir o acontecimento é e sempre será privado.

Podemos até dizer que “nosso estômago está embrulhado” quando as propriedades públicas de um embrulho servem para que possamos comunicar um sentimento a um ouvinte. Entretanto, a dificuldade de transmitir o que se passa dentro do corpo pode continuar, uma vez que os eventos “de fora” e “de dentro” nem sempre ocorrem ao mesmo tempo. Uma conclusão é relevante: palavras que designam sentimentos não são ensinadas com tanto sucesso quanto palavras que designam objetos. Talvez seja por isso que, segundo Skinner (1974), os filósofos e os psicólogos muito poucas vezes concordam quando falam sobre sentimentos e estados da mente e isto explica a não existência de uma Ciência do Sentimento.

Esta dificuldade impõe restrições à crença no relato verbal como sendo exatamente correspondente ao evento relatado, sejam esses científicos ou não. A crença é fortalecida pela correspondência. No cotidiano, dizer “eu te amo” deve ser acompanhado de ações esperadas de um amante; no laboratório, dizer “eu tenho medo” deve ser acompanhado da esquivia diante da estimulação aversiva. No entanto, mesmo com todas as restrições em relação ao acesso aos estímulos que antecedem uma resposta verbal, o relatar é freqüentemente a única fonte de informação de um analista do comportamento.

A dúvida parece ser o preço da certeza...

No seu livro *Walden Two*, Skinner (1948) conta que o personagem Professor Burriss fez uma “investigação” para saber se a harmonia que acontecia naquela comunidade planejada era algo real ou se não passava de encenação. Definiu uma amostragem para a observação e, mesmo assim, sua investigação foi mal sucedida. Buscando outro meio de responder sua questão, ele procurou estabelecer um diálogo com uma moradora da comunidade, para avaliar o lugar. Ao ser perguntada se ela se sentia feliz por estar ali, surge o seguinte questionamento: “Por que a pergunta? Há muito tempo não penso nisso. Por que você não me perguntou se eu estou bem alimentada, ou se estamos todos sadios. Isso seria uma pergunta a qual eu poderia responder”.

Em termos específicos, alimento, saúde, sexo e outros valores tais como amizade, conhecimento, ideologia, etc, são partes do contexto das contingências de reforçamento que explicam tanto o comportamento produto (verbal e não verbal) quanto o sentimento sub-produto. Devemos considerar três elementos indissociáveis: o viver saudável, o sentir-se saudável e o dizer “Me sinto tão bem.”; o alimentar-se, o sentir-se saciado e o dizer “Estou satisfeito.”; o transar, o sentir-se extasiado e o dizer “Que delícia!”; o participar de um movimento social; o sentir-se politizado e o dizer “Tenho consciência crítica” e assim por diante. Estes exemplos indicam que ao estudar sentimentos, poderíamos nos concentrar em questões relativas às contingências de reforçamento relacionadas ao sentir, e à função do relato do sentimento. Para esta tarefa, a obra de Skinner apresenta inúmeras referências a sentimentos como sub-produtos de contingências de reforçamento. Eis algumas:

Quadro 1 – Referências a sentimentos como sub-produtos de contingências de reforçamento nas principais obras de B. F. Skinner

Contingência	Sentimentos
Reforçamento Positivo	Amor (1948); Felicidade (1969); Confiança, Fé, Segurança, Interesse, Zelo, Diligência, Ambição, Determinação, Obstinação, Persistência, Perseverança, Excitação, Entusiasmo, Dedicção, Compulsão (1974); Felicidade, Gostar, Liberdade (1978); Prazer, Amor (1989)
Reforçamento Negativo	Aversão (1961); Agressividade (1971); Ansiedade, Compulsão, Alívio (1974)
Punição Positiva	Medo, Raiva (1961); Vergonha, Culpa Medo, Embaraço, Cautela, Aborrecimento (1974)
Punição Negativa	Perda de confiança, Desinteresse, Desapontamento, Desencorajamento, Impotência, Depressão, Frustração, Solidão, Saudosismo, Abandono, Inibição, Timidez (1974)
Extinção	Tristeza, Tédio, Depressão (1969); Perda de confiança, Desinteresse, Desapontamento, Desencorajamento, Impotência, Depressão, Frustração Solidão, Saudosismo, Abandono (1974)

Ao verificarmos essas referências demonstrativas sabendo que agimos sobre o mundo e o modificamos e, ao mesmo tempo, somos modificados pelas conseqüências de nossa ação (Skinner, 1957) entenderemos melhor a função do relatar um sentimento enquanto um comportamento verbal. O que nos garantiria, portanto, que um relato poderia estar ligado a um propósito (determinado pelo conhecimento da função de um operante; ou da conseqüência a ser conseguida) ou a um estado sentido? Ou, simplesmente, o que garante que um relato é uma “verdade” sobre um sentimento? Ou, qual é a validade desse relato?

Como exemplo podemos citar o caso de uma criança, na época interna da FEBEM, que ouviu uma conversa de adultos na qual se dizia que uma pessoa tinha câncer. Ela viu que os ouvintes passaram a chorar e a serem mais solidários com o doente, ajudando-o com doações de alimentos e roupas, amenizando o alto custo do tratamento. Ela infere que, para que as pessoas tenham mais cuidado com ele, e que para conseguir mais alimento, ele deveria dizer que estava triste, pois estava com câncer. Ao agir conforme acreditava, ela passou a dizer que estava com câncer nos dois úteros – no esquerdo e no direito – e apontava para os cotovelos. Assim, através de suas interações com o ambiente, essa criança descobriu no relatar sentimentos uma função diferente da de indicar o que é sentido. Aparte o humor ou a invenção da criança, uma função operante emergiu e ela foi capaz de modificar o seu ambiente, mantendo o seu comportamento por suas conseqüências.

O estudo dos múltiplos determinantes do comportamento e dos relatos dos sentimentos – o sentimento operante – pode nos dar informações importantes sobre o ambiente do falante, e nos indicar maneiras de agir. Isso se torna relevante nas relações interpessoais, seja na clínica, na educação, na política, nos relacionamentos íntimos ou em qualquer contexto no qual “o comportamento operante é essencialmente o exercício do poder...” (Skinner, 1974, p. 139). Isto se deveu ao fato de que com a evolução do comportamento verbal ou linguagem a nossa espécie foi muito além da imitação e da modelação. Além de fazer, passamos a mostrar o que fazemos, a dizer o que fazemos e o que sentimos ao fazer.

Para finalizar, portanto, duas análises científicas concomitantes são pertinentes. A primeira diz respeito ao que é sentido e a segunda, ao relato sobre o que se sente. Em ambas

não podemos nos esquecer que “a singularidade do indivíduo é incontestável” (Skinner, 1959, p.17) e determinada pelos três níveis de variação e seleção do comportamento (Skinner, 1989), responsáveis pelo organismo (o *locus* da condição corporal produto da seleção natural), pela pessoa (possível pelas contingências de reforçamento na interação com o que aconteceu e acontece) e pelo eu (a referência ao contato com o sentimento na interação em uma comunidade verbal).

É para estes três níveis que devemos olhar quando analisamos o sentimento e o sentido. Uma direção mentalista, por exemplo, geralmente nos incita a mudar as mentes e os sentimentos dos homens e mulheres, ao invés do mundo no qual eles vivem. Afinal, é tentador acreditar que não são armas que matam, e sim mentes agressivas (Skinner, 1974). “A mente é um mito, com todos os poderes dos mitos” (Skinner, 1980, p.34). O poder da mente é o desejo de mitificá-la como a origem do comportamento. Um alerta final: “ciência é a disposição para aceitar fatos, mesmo quando eles se opõem aos desejos” (Skinner, 1953, p.12).

Uma conclusão a partir da fonte: referências sobre relações entre contingências de reforçamento e nomeação de sentimentos nas principais obras de Skinner

1. Quando o nosso comportamento é reforçado positivamente, nós dizemos que gostamos do que estamos fazendo; dizemos que estamos felizes. (Skinner, 1978, p.5)
2. Os homens são felizes em um meio ambiente no qual o comportamento ativo, produtivo e criativo é reforçado de forma efetiva. (Skinner, 1969, p. 64)
3. O que é amor... além de outro nome para o uso de reforçamento positivo? (Skinner, 1948, p. 282)
4. Nós não somos necessariamente felizes porque temos tudo o que queremos. A palavra saciado está relacionada à palavra triste. (Skinner, 1969, p.36)
5. O comportamento reforçado positivamente é participação ativa na vida, livre de tédio e depressão. (Skinner, 1969, p. 5)
6. As contingências de sobrevivência responsáveis pela herança genética do homem, podem ter produzido tendências a atuar agressivamente, não sentimentos de agressão. (Skinner, 1971, p.14)
7. O sentimento de liberdade está associado com fazer as coisas que a pessoa deseja fazer. Mas por que ela quer fazê-las? (Skinner, 1978, p. 192)
8. Quando certo ato é quase sempre reforçado, diz-se que uma pessoa tem a sensação de confiança. Um jogador de tênis que pratica uma jogada particular até ‘sentir-se confiante’; o fato básico é que a

prática até certa proporção de suas jogadas serem bem-sucedidas. O reforço freqüente também suscita fé. Uma pessoa se sente segura ou certa de que será bem-sucedida. (Skinner, 1974, p.52-53)

9. O reforço freqüente também origina e mantém o interesse por aquilo que a pessoa está fazendo. (Skinner, 1974, p.53)
10. Quando não há mais reforço, o comportamento se extingue e raramente, ou nunca mais, aparece. Diz-se então que a pessoa sofreu uma perda de confiança, de certeza, ou de sensação de poder. Em vez disso, seus sentimentos vão, desde a falta de interesse, o desapontamento, o desencorajamento e uma sensação de impotência, até uma depressão possivelmente profunda. (Skinner, 1974, p.53)
11. A frustração é uma condição muito diferente, que incluía uma tendência, freqüentemente característica de uma falta de reforço, de atacar o sistema. Assim, o homem que dá pontapés na máquina de vender cigarros porque esta não lho entregou, ou que grita com a mulher porque ela se esqueceu de comprá-los, o faz, segundo se diz, em virtude de um sentimento de frustração. A expressão 'expectativas frustradas' refere-se especificamente a uma condição produzida pelo término do reforço habitual. (Skinner, 1974, p.53)
12. Uma pessoa que esteja só pode sentir-se solitária; a condição essencial é que não há ninguém com quem ela possa falar ou comportar-se de outra maneira qualquer. O comportamento da pessoa saudosa do lar, abandonada, desprezada por quem ama, ou solitária, é comumente atribuído a sentimentos experimentados mais do que a ausência de um ambiente familiar. (Skinner, 1974, p.53-54)
13. Quando a razão entre reforços é favorável, atribui-se o comportamento comumente a: 1)- zelo, diligência ou ambição; 2)- determinação, obstinação, persistência ou perseverança; 3)- excitação ou entusiasmo; ou 4)- dedicação ou compulsão. (Skinner, 1974, p.54)
14. ...se um estímulo anteriormente neutro, como uma campainha, for freqüentemente seguido, após um intervalo, de um estímulo nocivo, tal como um choque elétrico, a campainha acaba por suscitar reações, principalmente no sistema nervoso autônomo, que são sentidas como ansiedade. (Skinner, 1974, p.55)
15. Assim, uma pessoa empenhada numa conversa animada pode começar a falar com menos vigor ou de forma mais errática, ou pode até parar de falar à aproximação de alguém que a tenha tratado adversativamente. Por outro lado, seu comportamento negativamente reforçado pode ser fortalecido, e ela agir de forma mais compulsiva ou agressiva ou tentar-se ir embora. (Skinner, 1974, p.55-56)
16. Aquilo que uma pessoa sente quando está numa situação em que foi punida ou quando se empenha num comportamento que foi previamente punido é coisa que depende do tipo de punição, o qual por sua vez, depende freqüentemente do agente ou instituição punitiva. Se foi punida por seus iguais, diz-se que ela se sente envergonhada; se foi punida por uma instituição religiosa, diz-se que se sente pecadora; se foi punida por um órgão do governo, diz-se que ela se sente culpada. Se age no sentido de evitar outra punição, pode moderar a condição sentida como vergonha, pecado ou culpa, mas não age por causa dos seus sentimentos ou porque estes se tenham então modificado; age em virtude das contingências punitivas às quais foi exposta. (Skinner, 1974, p.56)

17. Em muitas situações familiares, o comportamento tem tanto conseqüências reforçadoras como punitivas. Se o comportamento ainda ocorre, mas de forma enfraquecida, pode-se dizer que ele revela inibição, timidez, embaraço, medo ou cautela. Diz-se que a punição excessiva produz uma deficiência mais crítica de reforço positivo e torna a pessoa ‘mais vulnerável a uma depressão severa e a desistência. (Skinner, 1974, p.57)
18. Na maioria dos casos de medo e raiva, qualquer resposta que termine a condição excitante aumentará de frequência. O reforço pelo término de um estímulo denomina-se reforço negativo. (Holland & Skinner, 1961, p. 217)
19. Quando deixamos de receber um reforço costumeiro dizemos que estamos frustrados. Estamos relatando um estado emocional pela perda de um reforço usual. (Holland & Skinner, 1961, p. 217)
20. O ‘gozador’ usa de um perigoso método de controle, porque os estímulos aversivos que ele administra podem ser terminados por suas vítimas com uma espécie de contra-agressão. (Holland & Skinner, 1961, p. 220)
21. Agressão contra um tirano que usa de controle aversivo será reforçada se o resultado for uma redução nos estímulos aversivos que o tirano usa. (Holland & Skinner, 1961, p. 221)
22. Um sinônimo de reforço negativo é estímulo aversivo. (Holland & Skinner, 1961, p. 218)
23. Ansiedade é um nome comum para a predisposição “emocional” gerada por um estímulo aversivo incondicionado. A ansiedade é pois gerada por um estímulo aversivo condicionado. (Holland & Skinner, 1961, p. 225)
24. Nós descrevemos o efeito interno de um reforçador quando dizemos que ele ‘nos dá prazer’ ou faz com que ‘nos sintamos bem’ e, nesse sentido, ‘Eu te amo’ significa ‘você me dá prazer ou me faz sentir bem. (Skinner, 1989, p. 16)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOLLAND, J. G. & SKINNER, B. F. (1961) A Análise do Comportamento. Trad. AZZI, Rodolpho. São Paulo: E. P. U., 1974. 337p.

SKINNER, B. F. (1948) Walden Two. Trad.: MORENO, Rachel. 2ª ed. São Paulo: EPU, 1978.

SKINNER, B. F. (1953) Ciência e Comportamento Humano. Trad.: TODOROV, João Carlos & AZZI, Rodolfo. 11ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 489p.

SKINNER, B. F. (1957) O Comportamento Verbal. Trad.: VILLALOBOS, Maria da Penha. São Paulo: Cultrix, 1978. 557p.

SKINNER, B. F. (1959) Cumulative record. Definitive Edition. Massachusetts: Copley Publishing Group, 1999. 700p.

SKINNER, B. F. (1969) Contingencies of Reinforcement. New York: Appleton-Century-Crofts

- SKINNER, B. F. (1971) *Beyond Freedom and Dignity*. New York: Alfred A. Knopf.
- SKINNER, B. F. (1974) *Sobre o Behaviorismo*. Trad.: VILLALOBOS, Maria da Penha. 8ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003. 216p.
- SKINNER, B. F. (1978) *Reflections on Behaviorism and Society*. Englewood Cliffs NJ: Prentice Hall.
- SKINNER, B. F. (1980) *Notebooks*. Englewood Cliffs NJ: Prentice-Hall.
- SKINNER, B. F. (1983) *A Matter of Consequences*. New York: Alfred A. Knopf.
- SKINNER, B. F. (1987) *Upon Further Reflections*. Englewood Cliffs NJ: Prentice-Hall.
- SKINNER, B. F. (1989) *Questões Recentes na Análise Comportamental*. Trad.: NERI, Anita Liberalesso. 4ª ed. Campinas: Papyrus Editora, 2003. 193p.